

LAGRIMAS E ONZENAS

Dos mercadores onzeneiros dos começos do século XVII lê-se nos Diálogos das Grandezas do Brasil, atribuídos a um cristão-novo, como logravam fazer-se opulentíssimos comprando gêneros nas vilas para os vender depois pelos engenhos e fazendas, com que vinham a ganhar neles muitas vezes cento por cento. "Eu vi na capitania de Pernambuco a certo mercador", diz Brandonio, um dos interlocutores dos Diálogos, "fazer um negócio, posto que o modo dele não aprovo, pelo ter por ilícito, o qual foi comprar uma partida de peças de escravos de Guiné por quantidade de dinheiro, e logo no mesmo instante, sem lhe entrarem os tais escravos em poder, os tornou a vender a um lavrador fiados por certo tempo, que não chegava a um ano, com mais de oitenta e cinco por cento de avanço".

E retrucando a quem estranhava o haver-se de ganhar tamanha soma sem sair do lugar, de uma mão para outra, e sem que qualquer risco interviesse, observou ainda Brandônio que, desses tais mercadores, e ainda de outros de loja aberta, muitos havia que dispunham de "grossas fazendas de engenho e lavoura na própria terra, e estão nela assistentes e alguns casados" (+). Casados, grande número deles com gente principal da terra, no que seguiam, se de estirpe hebraica, como bem pode suceder, o costume mais tarde assinalado pelo padre Antonio Vieira, de comprarem a peso de ouro os gêneros cristãos velhos. Por onde não é de admirar se a descendência daqueles que outróra seguiam o rito mosaico passou com o tempo a infiltrar-se em todas as camadas da população do Brasil, tanto quanto do Reino europeu, contribuindo assim, de algum modo, para a identificação que muitos faziam, mormente castelhanos, entre portugueses e judeus.

Na própria literatura espanhola do chamado século de ouro ficam rastros aparentes de semelhante identificação. Assim é que quando Estebanillo Gonzalez, "hombre de buen humor", teve em Ruão certa aventura com judeus oriundos de Portugal, ali domiciliados, receberam-no estes com "preñeces de ojos que ... esperaban partos de agua", ao fazer-se passar por seu compatriota, coisa para ele muito facil, pois falava bem o português, criado que tinha sido em Salvaterra de Pontevedra. Apesar dessa espécie de saudação lacrimosa e de lhes ter extorquido por fim vinte e cinco ducados, a força de se queixar das próprias desgraças, sentiu-se Estebanillo contente de si quando pôde, sem maior perigo, safar-se da companhia de

(+) Dialogos das Grandezas do Brasil, Rio de Janeiro, 1930, pág. 141 e seg.-

uma gente que "siempre engañan y jamas se dejan engañar" (+).

Ora, se este último traço se inscreve muitas vezes no estereótipo dos judeus, e não somente dos judeus procedentes de Portugal, já o outro, dos "olhos prenhes de água" serve com frequência, entre os autores castelhanos, para descreverem a plangente sentimentalidade dos seus vizinhos ocidentais. Assim é que em um dos "sonhos" de Quevedo vemos aparecer a Morte, sentada em seu trono e rodeada de muitas mortes, e ao lado de uma destas, a morte de amores, lá estão Píramo e Tisbe, Leandro e Hero, Macias o poeta, além de alguns portugueses, todos eles, evidentemente, "derretidos" (++). A última particularidade aparece ainda nos Trabalhos de Persiles e Sigismunda, quando Cervantes faz dizer a uma das personagens "tener casi en costumbre el morir de amores los portugueses". Com efeito ao chegarem Periandro (Persiles) e seus companheiros a Lisboa, logo depararam numa capela com o epitáfio de certo herói, antigo visor-rei da India, ou homónimo dele, o qual assim rezava:

Aquí jaz viva a memoria do já defunto
Manuel de Sousa Coutinho, cavaleiro português,
que a não ser português andaria ainda vivo.
Não morreu às mãos de nenhum castelhano
senão às de Amor que pode tudo.
Passante, procura conhecer sua vida e invejarás sua morte (+++).

Não seria o verter lágrimas uma prerrogativa de classe entre lusitanos, segundo querem aqueles autores. Todos derretiam-se, a começar pelos fidalgos orgulhosos, cavaleiros da Ordem de Cristo, que são capazes, se enamorados, de suspirar "mais do que beata em sermão de quaresma", até aos mendigos, que só sabiam pedir esmola aos choros, diferenciando-se nisto dos de Castela, que o faziam com fereza, tornando-se desse modo insofríveis e malquistos. De tão dados às lamúrias e ao pranto ganharam os portugueses o nome de sebosos: sebosos porque, a exemplo das velas de sebo, facilmente se derretem.

No teatro de Tirso de Molina, por exemplo, cujas simpatías lusitanas eram aliás bem notórias, comparam-se os portugueses a velas que se derretem ou ao sebo que se desmancha até se reduzir ao pavio, como se pode ver na comédia El Amor Medico:

(+) La Vida de Estebanillo Gonzalez, hombre de buen humor, compuesta por el mismo, Madrid, 1946 (Clasicos Castellanos), pág. 209.-

(++) Quevedo, Los Sueños, I. Madrid, 1949 (Clasicos Castellanos), pág. 221.-

(+++) Cervantes Saavedra, Miguel de, "Persiles y Sigismunda", Obras Completas, Madrid, 1952 (Aguilar), pág. 1629.-

En Portugal todo es sebo
hasta quedarse el pabilo (+).

E mais tarde, na cidade de Coimbra, alude às formosas da terra para dizer que, como portuguesas, são "sebosas" (++).

Nem em presença de Sua Alteza el-rei D. João II, Mari-Hernandez, a valente galega se esquece da expressão que podia passar por desprimorosa aos súditos do Príncipe Perfeito:

Um portugués mancebo
se hizo en mi casa mandón
y en gozando la ocasión
se deshizo como sebo (++)).

Em outra peça do mesmo Tirso, El Vergonzoso en Palacio, é positivamente com uma ponta de orgulho patriótico que Doña Juana se refere a essa sentimentalidade dos seus compatriotas lusitanos, os quais não precisaram sequer dos olhos para ficarem perdidos de amor, como em Coimbra sucedeu a Don Gaspar, ao ver destapado o rosto de uma das belas da cidade, bastando-lhes os ouvidos:

nuestra nación portuguesa
esta ventaja ha de hacer
a todas; que porque asista
aquí amor, que es su interés,
ha de amar, en su conquista,
de oídas el portugués,
y el castellano, de vista (+++).

Se nos hebreus de Ruão não assentavam mal aquêles olhos aguçados, já que os próprios padecimentos e os de sua gente pareciam espelhar-se nas fingidas desventuras do picaro Estebanillo, a cena ganha realce quando nos lembramos de que, portugueses, ainda que bargantes, charlatães, embusteiros e vagabundos, quiz o autor pintá-los segundo a idéia que dêstes, originariamente, se fazia: choravam, assim, porque judeus, mas também porque portugueses, se derretiam. Nem o contraste das religiões, nem o longo exílio ou as cruéis perseguições aturadas, que, decorridos vinte anos ainda arrancavam a Leão Hebreu, o Jehudah Abarbanel, de Lisboa, tantas exclamações lamentosas em sua admirável Elegia sobre o Destino —

são como dura pedra os adocicados pães
e entre lágrimas mastigo meu pão seco;
lágrimas misturam-se à água ... (++++)

(+) Tirso de Molina, Obras Dramaticas Completas, t^o 2^o, Madrid, 1952 (Aguilar), pág. 985.-

(++) Tirso de Molina, Obras Dramaticas Completas, t^o 2^o, Madrid, 1952, pág. 997 e seg.-

(++++) Tirso de Molina, Comedias, I, Madrid, 1952 (Clasicos Castellanos), pág. 40 e seg.-

(++++) Leone Ebreo, Dialoghi d'Amore, Bari, 1929, pág. 395.-

-- bastariam para os divorciar inteiramente do país de origem, que muitos ainda sonhavam rever.

Pode explicar-se dessa maneira, que a mera indicação de nacionalidade, mesmo desacompanhada do adjetivo "judeu" podia referir-se a fieis da Toura e, na melhor hipótese, a conversos mais ou menos sinceros. Como se lusitanos e hebreus de Portugal se achassem apenas separados pela divergência de credos e eventualmente por aquêlê sutilíssimo engenho que reconheceram nos últimos os viajantes quinhentistas.-